



**A PESQUISA COMO METODOLOGIA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA: REFLEXÕES A PARTIR DOS PROJETOS “PÉS NA
ESTRADA DO CONHECIMENTO – INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA ESCOLA” E
“NÓS PROPOMOS! CIDADANIA E INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA”**

Renata Brückmann

renatabruckmann@hotmail.com¹

Orlando Ferretti

orlando.ferretti@ufsc.br²

Resumo

Esse texto é um recorte de um trabalho de conclusão de curso em Geografia, a partir de uma análise e reflexão sobre duas metodologias que buscam aliar os conteúdos escolares com a formação de estudantes no ensino médio. As metodologias analisadas dialogam com uma educação emancipatória direcionado o ensino da geografia escolas para que proporcione a pesquisa científica e um olhar crítico para o território. Compreende-se que as práticas que estudamos modificam a dinâmica e perspectiva sobre a escola e o ensinar, formando novos conhecimentos relacionados aos próprios conhecimentos empíricos dos estudantes, resultando assim em um enriquecimento do pensamento crítico e o interesse do estudante como cidadão e pela cidadania, pela participação pública. A análise dos projetos se dá através de entrevista com professores e leitura de documentos, além disso, outro aspecto importante que deve ser ressaltado sobre a análise dos projetos é a experiência da autora vivenciada pelo PIBID (Programa de Bolsas de Iniciação à Docência) em Geografia da UFSC desenvolvido nos anos de 2015 à 2017 no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, estando diretamente relacionada aos dois projetos analisados.

Palavras-chave: Educação Geográfica, Colégio de Aplicação, Pesquisa na Escola.

Introdução

A discussão desse trabalho é sobre metodologias, em especial aquelas que buscam aliar os conteúdos escolares com a formação de estudantes como cidadãos conscientes e críticos. Abrindo a possibilidade para que compreendam o espaço não só pela sua forma, mas por suas funções, e que enxerguem a paisagem não só pelos seus elementos, mas por sua complexidade de expressar.

¹ Geógrafa, e licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Este trabalho é produto de uma pesquisa de TCC, agradeço ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) pela bolsa de dois anos atuando na escola, agradeço também aos professores do Colégio de Aplicação da UFSC.

² Orientador deste trabalho. Doutor em Geografia, professor do Departamento de Geociências na Universidade Federal de Santa Catarina.

É perceptível que as concepções e as práticas educacionais não são definidas apenas como pedagógicas, mas como resultados de inúmeras determinações. Além disso, percebe-se a necessidade de pensar para além dos moldes já dados, entendendo que em uma perspectiva de que a educação deve perpassar por mudanças significativas em seu curso, seja nas produções, nas reflexões, nas escolhas de metodologias para o ensino etc., é necessário resgatar e aprimorar modelos que de alguma forma aproxime o conhecimento acumulado dentro da sala de aula com a realidade vivida pelos estudantes (BRÜCKMANN, 2018).

A construção deste trabalho é baseada nas reflexões sobre uma necessária e urgente mudança de perspectiva do ensino da Geografia inserida no espaço escolar. Nesse sentido, propõem a análise de projetos metodológicos que dialoguem com uma "construção de uma sociedade justa e solidária (em contraciclo com os tempos de crise?)" (MENDONÇA, 2016) direcionado ao estudo que proporcione a pesquisa científica e o trabalho de campo, e o desenvolvimento de um olhar crítico para o território, trabalhado dentro da sala de aula.

Serão apresentadas duas metodologias com propostas de rompimento às práticas de um ensino tradicionalista³. Com uma nova dinâmica e perspectiva sobre a escola e o ensinar, relacionados aos conhecimentos empíricos dos estudantes, resultando assim em um enriquecimento do pensamento crítico e o interesse do estudante como cidadão. A análise das metodologias vem no sentido de materializar essa perspectiva de mudança no ensino, mostrando as possibilidades e seus resultados no cotidiano escolar. A apresentação dos projetos foi realizada através de entrevista com os criadores dos projetos e leitura de artigos sobre os mesmos, para conhecer os procedimentos e práticas, além da vivência durante o PIBID de Geografia.

O objetivo deste trabalho é analisar e apresentar duas possibilidades metodológicas para o ensino da Geografia dentro da escola, com ênfase na pesquisa científica e no trabalho de campo. Porém, os projetos são criados e desenvolvidos em tempos e espaços diferente, o projeto “Pés na estrada do conhecimento – iniciação científica na escola” surge em 1999, enquanto que o Projeto “Nós propomos! cidadania e inovação na educação geográfica” surge em 2011. O

³ Entende-se por práticas de ensino tradicionalistas aquelas que reproduzem **única e exclusivamente** uma metodologia, não permitindo superar o quadro reducionista do conhecimento espacial, de reflexão e socialização do conhecimento científico. (RODRÍGUEZ, 2012).



primeiro é exclusivo do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (CA/UFSC), enquanto que o segundo tem atuação em múltiplas escalas, escala local, nacional e internacional, sendo desenvolvido inclusive em outros países como veremos posteriormente.

A escolha do tema e da análise se justifica pela importância de desenvolver processos educativos que façam uma ruptura de práticas de ensino e pedagógicas tradicionais, proporcionando uma educação emancipatória, apontando para exemplos práticos, como os dois projetos escolhidos para o trabalho. Nesse contexto, Azambuja (2010, p. 105) coloca que essa ruptura

pressupõe mudanças na concepção sobre as práticas de ensino desenvolvidas na escola básica. Essas mudanças partem da ideia de um conteúdo pronto, informativo e organizado linearmente para um conteúdo formativo e elaborado no processo didático, considerando as referências temáticas das áreas do conhecimento e a realidade sócio histórica. Nesse sentido, não há mais a prioridade de estabelecer um saber previamente pronto e igual para todas as escolas.

São por esses motivos que o trabalho apresenta propostas metodológicas que complementem o componente curricular, especificamente nesse caso da Geografia, mas que também possa servir como exemplos para outras áreas de conhecimento.

A Pesquisa como Metodologia para o Ensino de Geografia na Educação Básica

A pesquisa científica na Educação básica é ainda um campo que necessita ser explorado. Isso porque representa amplas possibilidades de desenvolver concepções formativas que darão consequências até à educação superior, além de vir ao encontro de contribuir ao estudante ter autonomia na interpretação da realidade.

Afinal, a pesquisa é um processo de investigação e tem como princípio a relação da compreensão de determinado assunto somado a conhecimentos e conceitos, resultando em uma síntese, sem ser uma reprodução de algo pronto. Porém, mesmo sendo uma prática significativa, ainda persiste uma ideia na educação básica de que a pesquisa não se faz necessária. Como coloca Pontuschka et al. (2009), essa posição reforça ainda mais a concepção de professor como transmissor de informação e “mero usuário do produto do conhecimento científico”.

Chiapetti (2017, p. 37) afirma que apesar de todas as condições reais e necessárias para realizar uma pesquisa com “tempo, computador, criatividade e condições materiais (biblioteca,

computador com acesso à internet etc.)”, além de condições físicas, psicológicas e tudo mais, ainda sim é

imprescindível que o professor do Ensino Fundamental e do Médio tenha o hábito de pesquisar, para que na sua prática não reproduza somente o livro didático, ou não seja meramente um professor transmissor ou repassador de informação ou, ainda, seja um simples usuário do produto do conhecimento científico. (CHIAPETTI, 2017, p. 37)

Portanto, a pesquisa escolar se torna um princípio educativo, que tem tanta importância quando pesquisa científica⁴ e contribui na autonomia dos estudantes, se tornando capazes de “desenvolver sua criticidade e curiosidade; aprender a fazer perguntas e de refletir sobre elas; selecionar as informações relevantes à sua pesquisa; refletir sobre os resultados obtidos pela pesquisa; compreender os conceitos envolvidos na pesquisa; etc.” (CHIAPETTI, 2017, p. 39). É necessário, antes de tudo, que os professores dispostos a utilizar a pesquisa como metodologia de ensino, estejam conscientes que para os estudantes não seja uma atividade fácil, e que “podem acabar fazendo somente cópia dos textos consultados em livros ou *sites* da internet.” (CHIAPETTI, 2017, p. 39).

A importância da pesquisa na educação básica vem no sentido de possibilitar uma “construção de um outro projeto formativo de tipo escolar, atento não tanto à dimensão do ensinar a pesquisar, mas de estimular sensibilidades relativas ao que se quer estudar.” (SILVEIRA, 2018b). Cabe uma proposta da pesquisa na escola em uma perspectiva enquanto construção de um sujeito indagador do meio, e não enquanto modelo ideológico de adaptação do estudante ao meio.

Além da pesquisa, cabe a Geografia outro método importante de ser trabalhado aliado a pesquisa científica para “compreender os fenômenos como manifestação local e que possuem influências globais que se buscam novas orientações para a prática [...]” (SOUZA, 2011, p. 122). Nesse sentido, a proposta de articulação entre a pesquisa vinculada ao trabalho de campo também é uma proposta deste trabalho, trazendo o Estudo do Meio como uma atividade que proporciona uma percepção crítico-reflexiva do contexto social que leva a construção dos

⁴ Entende-se por pesquisa científica aquela desenvolvida na educação superior, com uma maior complexidade, compreendendo a diferença de idade e formação dos autores pesquisadores.



saberes a partir de experiências em diferentes espaços e culturas dos estudantes. A proposta interdisciplinar torna ainda mais interessante, afinal, nenhuma resposta será encontrada através de uma área só, por isso, a necessidade de integrar diversas áreas do conhecimento, criando condições para novas habilidades, novos conceitos e novos comportamentos.

O Estudo do Meio pode ser compreendido como um método de ensino interdisciplinar que visa proporcionar para alunos e professores o contato direto com determinada realidade, um meio qualquer, rural ou urbano, que se decida estudar. Esta atividade pedagógica se concretiza pela imersão orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo inteligente com o mundo, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos. (LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p. 173)

O meio é conhecido como “meio qualquer” (LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p. 173), um meio geográfico é um meio rural ou urbano, uma realidade que depende do enfoque do trabalho a ser realizado. Uma das principais características importantes desse estudo é o trabalho feito necessariamente realizado fora da sala de aula, chamada saídas de campo. Por isso, exige todo um planejamento de atividades anterior e posterior às saídas de campo, proporcionando uma organização metodológica de pesquisa que necessita ser seguida, com a finalidade de organizar roteiros, entrevistas e quais os objetivos antes do campo, bem como durante, como observação e coleta de dados, e posterior, com sistematização e socialização pós campo. Para Azambuja,

o estudo do meio é expressão político-pedagógica de práticas de ensino que objetivam a ruptura com a pedagogia tradicional e, conseqüentemente, a construção de uma pedagogia problematizadora e compatível com a ideia de ensino pesquisa e de integração curricular. (2010, p. 112)

O trabalho de campo tem o potencial de materializar a diferença entre ensinar a fazer pesquisa ou através da pesquisa conseguir proporcionar a formação de sujeitos autônomos e reflexivos. Silveira (2018a), afirma que se essa outra relação com o saber está estabelecida, o estudante vai ao campo não apenas colocar em prática a técnica da pesquisa, da captura de imagens ou de meramente conhecer um outro lugar, “mas se colocam com o outro em seus processos de estar no e com o mundo.” Estar no campo, portanto, constitui a possibilidade crítica de enxergar as noções conceituais estudadas em sala de aula, vinculadas a em sua dinâmica concreta.

Entendendo o Projeto “Nós Propomos! Cidadania e Inovação na Educação Geográfica”

O Projeto vem na direção de apontar uma metodologia a qual instiga os estudantes a terem outro (ou um?) olhar à cidade, além de despertar a consciência cidadã a partir de atividades de identificar problemas urbanos e formular propostas para solucionar estes. O conhecimento perpassa o conhecimento científico, partindo para um conhecimento territorial e espacial local, resultando em um olhar crítico para esse território.

A proposta do projeto é que a metodologia se desenvolva durante todo o ano letivo e consiste em basicamente três etapas, onde necessariamente, a turma deve ser dividida em grupos, e trabalhar a partir de: **A) identificação do problema locais**: escolha de um bairro/distrito para conhecer, levantar e identificar informações, potencialidades e problemas; **B) trabalho de campo**: fazer saídas de campo ao bairro escolhido, realizar entrevistas com moradores e/ou órgãos públicos, além de associações de moradores, secretarias etc. para coleta de informações; e **C) apresentação de propostas dos grupos**: a partir desse levantamento, escolher um problema de pesquisa, ou seja, um problema no bairro, e tecer reflexões sobre para então apontar e propor resoluções para o problema recorrente do bairro.

O projeto foi criado em 2011 no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território - IGOT da Universidade de Lisboa (UL), e vem no sentido de propiciar aos estudantes o contato com a realidade para além dos conteúdos escolares. Em entrevista com o professor Sérgio Claudino⁵ (2017) contextualiza o surgimento do projeto a partir da seguinte situação: existia uma necessidade, cada vez mais forte, de mobilizar a população, fazendo com que a sociedade se sentisse parte de um todo e não apenas agentes, no sentido que as demandas da cidade deveriam ser planejadas **com** a população e não **para** a população.

Nesse sentido, Claudino (2017) acredita no potencial da geografia no papel de mobilização e conscientização e por isso, leva o projeto às escolas. Além disso, por trabalhar na formação de professores, sentiu a necessidade de inovar o ensino da Geografia. Portanto, a proposta tenta responder simultaneamente a necessidade de mobilizar os estudantes enquanto cidadão para os problemas sociais locais e por outro lado, inovar no âmbito da educação geográfica. Em Portugal, no programa de Geografia do Ensino Médio, mais precisamente no

⁵ Sérgio Claudino é professor do Instituto de Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa IGOT/UL e criador do projeto Nós Propomos! Cidadania e Inovação na Educação Geográfica.



11º ano (16/17 anos de idade) – equivalente ao 2º ano do ensino médio no Brasil - prevê desde 2004 a proposta de trabalhar com o Estudo de Caso, no sentido de trabalhar questões locais a partir de um estudo de ordem prática, encaminhado para realidade regional.

No Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, o projeto é baseado no Estudo do Meio, compreendido como método de ensino interdisciplinar, com o objetivo de proporcionar aos estudantes e aos professores uma relação próxima com a determinada realidade.

Partindo dessa necessidade de trabalhar os problemas locais articulados ao conteúdo em 2014 o Nós Propomos chega no Brasil, em Florianópolis (SC) e depois no Tocantins (TO). Em 2018, o projeto já contava com aproximadamente 25 universidades e institutos universitários brasileiros, além de ter expandido para outros países também, como Espanha, na Colômbia e na África do Sul, se tornando um projeto com relações Ibero-americana.

Por ser entendido como um instrumento relacionado diretamente ao exercício da prática cidadã com os mais variáveis objetos a respeito da realidade local e cotidiana dos estudantes, o projeto expandiu não só ultrapassando limites geográficos, reunindo continentes e diversos países, mas também expandiu em questões de níveis de interesse de discussão e estudos, como Bazolli, Silva e Viana (2017, p. 02) pontua “[...] o “Nós Propomos” vem provocando o interesse e a curiosidade, além de ampliar o diálogo entre os estudantes e professores dos variados níveis escolares (do ensino fundamental à pós-graduação)”.

Um das características, ou até mesmo, objetivo do projeto, para Claudino (2017), é seu potencial de colocar o município em relação próxima para com as escolas participantes, e que este esteja atento que há estudantes trabalhando sobre os problemas do território municipal e que, portanto, também esteja atento às propostas que eles vão fazer. Além disso, é papel do município fornecer informações de base necessária, colocando em debate inclusive o plano diretor. E que essa relação seja recíproca também, do município com os estudantes, mas dos estudantes com o município. Em Portugal, esse estágio de aproximação se encontra mais avançando, enquanto que no Brasil ainda se constrói. Claudino (2017) entende essa diferença de envolvimento do poder político de forma negativa, afirmando que “é sempre difícil generalizar, mas na realidade o poder político/ municípios têm sido mais mobilizado no caso português.” Nesse sentido, o projeto tem suportes legais que auxiliam no fortalecimento do

desenvolvimento, além de estar integrado às diretrizes da educação e contribuindo para o avanço da tecnologia da educação, que são concretizadas no desenvolver do projeto como: realização de seminários, apresentações dos trabalhos em formato áudio visual, oficinas e minicursos que auxiliem no trabalho, e entre outras atividades que contribuem das mais variáveis formas.

Há um livro chamado “Manual Nós Propomos”, escrito por Bazolli, Silva e Viana (2017), com um tópico que descreve “os 10 passos para o desenvolvimento do projeto”⁶. Embora no Colégio de Aplicação da UFSC a organização e desenvolvimento acerca do projeto se deu de maneira muito particular. O primeiro momento é de contato, sensibilização e apresentação para as escolas interessadas, apresentação sobre o conteúdo e desenvolvimento das ações. A formação dos grupos de trabalho, composto pelos estudantes e obrigatoriamente vinculados a algum professor orientador é uma etapa de extrema importância, no CA tem tido experiências com grupo de 5 estudantes.

O próximo passo é de formação. Atividades como palestras, rodas de conversa, minicursos e oficinas são necessárias para introduzir o debate de assuntos como reflexões sobre a cidade, juventude e cidadania, direito à cidade entre outros. Além de atividades que possam contribuir com o trabalho, como no caso do Colégio de Aplicação, em Florianópolis que oferece oficinas de geoprocessamento no intuito de estimular os estudantes a utilizarem ferramentas que auxiliem no reconhecimento da área de estudo, e até mesmo as especificidades que, algumas vezes, não são possíveis ver em campo, como, por exemplo, a crescente urbanização dos bairros, materializadas através da verticalização das obras, das acumulações de casas, comércios etc. (ferramenta temporal disponibilizada pelo *google earth*). É possível delimitar o perímetro da área estudada, e muitas vezes até mesmo programar o roteiro do campo através de um “*tour online*”; assim como utilizar ferramentas que compõem o aplicativo servido para localização. Ademais, nesse processo de atividades formativas, é necessário que se introduza das mais variáveis fontes e ferramentas que os grupos possam usufruir posteriormente. No caso do CA/UFSC, na oficina de geoprocessamento, também é apresentado a ferramenta chamada

⁶ Para mais informações sobre o Manual Nós Propomos, acessar o link:
<https://drive.google.com/file/d/1O62at3JEez-ZdK6alAvfy8rAo-o9Zqr0/view>.



“Geoprocessamento Corporativo”, a qual é disponibilizada pela prefeitura municipal de Florianópolis⁷, constituída de banco de ortofotos (foto com a correção de altitude, portanto, tudo na foto tem a mesma altura) e imagens de satélite de toda o município, separados por temáticas como: bairros, levantamento censitário, limite urbano, unidades de conservação, plano diretor, entre outras, se tornando mais um recurso a ser utilizado para a análise e estudo dos bairros.

Outro assunto que pode ser tratado nesse momento de formação são oficinas sobre saídas de campo. O conteúdo base se constitui em uma apresentação de um “roteiro para trabalho de campo”, levantando questões como “o que se deve observar em campo?”; orientação para elaboração de um roteiro de atividade pré estabelecido, para chegarem no campo com um objetivo definido; ressaltar sobre a importância das entrevistas, que auxiliam no processo de compreender o desenvolvimento da vida no lugar, afinal, os sujeitos investigados descrevem a memória de suas trajetórias; enfim, oficina com o objetivo de orientar como aproveitar e perceber aspectos da espacialidade. Essas oficinas podem ser oferecidas pelos próprios professores orientadores ou com convidados externos. No CA UFSC, elas são ministradas pelos bolsistas do PIBID (MARCHI; EBERHARTD; MACHADO, 2017).

Paralelo a esse processo, os grupos já divididos devem ir escolhendo o objeto de estudo, no caso, algum bairro do município e ir se apropriando das características, no intuito de encontrar problemáticas, mas também as potencialidades do local. Fazer um levantamento através de saídas de campo e entrevistas, mas também em referências teóricas. É necessário conhecer o local que vai ser o objeto de estudo, levantando as necessidades e demandas para que se possa pensar em uma resolução plausível. Bazolli, Silva e Viana (2017, p. 27) sugerem duas questões para estimular esse processo: “o que posso fazer para contribuir visando à melhoria de minha cidade?” e “o que o grupo entende como importante para a comunidade?”.

A busca por referências teóricas acompanha praticamente todo o processo do trabalho, e aqui é o momento de “vestir a camisa” de sujeito investigador e buscar documentos e referências bibliográficas acerca da história do local de estudo, mas também, sobre a temática

⁷ Para maiores informações sobre Geoprocessamento Corporativo da Prefeitura Municipal de Florianópolis, acessar: <http://geo.pmf.sc.gov.br/>

escolhida. Além disso, o trabalho de campo ocorre paralelo também. É recomendável um primeiro campo para conhecer o objeto de estudo, e depois, outros campos com conhecimentos prévios já estabelecidos.

Feito a divisão de grupos, formação e qualificação, trabalhos de campos, pesquisa documental e análise de literaturas, levantamento de potencialidades e problemas do bairro, problema identificado, chega a fase de então propor a resolução escolhida. Para a socialização dos trabalhos, as escolas vêm realizando Seminários Anuais com apresentação de todos os grupos.

Entendendo o Projeto “PÉS na Estrada do Conhecimento – Iniciação Científica na Escola”

O projeto Pés na Estrada do Conhecimento - Iniciação Científica na Escola, é uma atividade permanente com proposta interdisciplinar, desenvolvida somente no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (CA/UFSC), com os estudantes de 9º Ano do Ensino Fundamental. Se configura em uma atividade de Ensino, Pesquisa e Extensão, com tem como objetivo de estimular as práticas de pesquisa no campo e na escola e tem como base teórica e prática o estudo do meio e a educação pela pesquisa. Surge a partir de reflexões de um professor de Geografia e uma professora de História, sobre o alcance crítico de suas práticas pedagógicas no processo formativo de estudantes do Ensino Fundamental (SILVEIRA, 2018a). Tem origem em 1999, entretanto, somente em 2010 foram incluídas duas aulas semanais na grade curricular para a uma então disciplina chamada Iniciação Científica (IC).

É composto por uma equipe que constitui em um professor pesquisador, professores orientadores das disciplinas que tiverem interesse, técnicas administrativas em Educação (TAE), bolsistas da graduação e os estudantes do 9º ano. A equipe pedagógica pode variar de acordo com o ano letivo, tendo alguns membros permanentes, como os professores de Geografia, Português, História, Matemática, Ciências e Sociologia. Para a organização estrutural, avaliações e demandas para o desenvolvimento do projeto ao longo do ano letivo, são realizadas reuniões semanais da equipe pedagógica.

O projeto é estruturado em duas etapas, de acordo com o período semestral, e as temáticas são relacionados aos eixos estruturais da educação na sociedade contemporânea,



estabelecidos pela UNESCO. São divididos da seguinte maneira: na primeira etapa, no primeiro semestre, com a temática da questão do uso da terra no Brasil, a produção energética e o caso das populações atingidas por barragens, com saída de campo para as cidades: Itá/SC e Aratiba e Erechim/RS. Já na segunda etapa, no segundo semestre, o foco de pesquisa passa para a compreensão da dinâmica colonial na construção e organização do espaço geográfico brasileiro. As saídas a campo são para as cidades históricas do estado de Minas Gerais: Mariana, Ouro Preto, Tiradentes e São João Del Rei. Assim como a equipe, os eixos das pesquisas também variam de acordo com o ano letivo, apesar de seguir até então a mesma temática principal.

A sequência metodológica do trabalho começa com aulas e oficinas organizadas com a temática sobre a ciência e elementos da pesquisa e o trabalho de campo. No segundo momento, os estudantes escolhem as temáticas de acordo com seu interesse e os grupos de pesquisa, formados por dois ou três membros, são por sorteio e misturados entre as turmas para haver maior interação e integração. Os eixos são divididos entre os professores orientadores de acordo com a temática de sua formação. As orientações ao longo do ano são todas realizadas nos espaços físicos do Colégio de Aplicação da UFSC.

O momento de preparação da pesquisa acontece todo antes das viagens. Os estudantes organizados já em seus Grupos de Trabalho (GT), criam e desenvolvem nesse tempo a linha da pesquisa e partem para parte inicial do projeto de pesquisa, com componentes introdução, justificativa, referencial teórico, objetivos gerais e específicos, metodologia, cronograma e referências bibliográficas. Além dessa dinâmica no processo de ensino-aprendizagem, esse projeto materializa o professor enquanto mediador, pois é parte do estudante a busca pelo conhecimento e o desenvolvimento da pesquisa, enquanto o professor somente auxilia o processo. Como produto final, os estudantes devem entregar os projetos de pesquisa e na primeira etapa há a produção de uma reportagem, com apresentação no Seminário Interno de Iniciação Científica do CA/UFSC e na Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina (SEPEX/UFSC). No segundo semestre, o produto final da pesquisa é um documento audiovisual, com apresentação na SEPEX/UFSC e na Mostra de Audiovisuais do CA/UFSC. (MARCHI; EBERHARTD; MACHADO, 2017, p.4).

Outra característica importante do projeto é o seu caráter interdisciplinar, tendo o Estudo do Meio como referência, o projeto Pés na Estrada propõe esse diálogo entre os demais componentes curriculares visando uma expansão do conhecimento e enriquecimento dos

conteúdos para que os estudantes possam compreender as dinâmicas socioespaciais de forma ampla.

Em pesquisa realizada em 2016 por estudantes do PIBID/Geografia, foram feitas entrevistas ao grupo de professor que compunha a equipe do projeto bem como dos alunos participantes do Pés na Estrada. Os professores indicaram que o projeto, apesar de suas diversas particularidades, tem importância por conta do trabalho de campo, o qual é ressaltado fundamental para o processo de ensino. Já na visão dos estudantes, a maioria vê uma oportunidade de iniciar a vida como pesquisador, mesmo que seja por um ano, desenvolvendo conhecimentos básicos de Iniciação Científica. Também compreendem a importância do campo para além da sala de aula como metodologia de aprendizagem. Ressaltam também o campo como importante para adquirir respostas da pesquisa, através de entrevistas e de reconhecimento do local de estudo. Esse recolhimento de material para o projeto possibilita maiores discussões, bem como compreender a diferença da prática e da teoria, além de ver um mundo fora da sala de aula, entrando em contato com outras vivências e realidades. Além disso, os estudantes destacaram o fortalecimento para formação pessoal e contribuição para a visão reflexiva e crítica sobre fatos da sociedade. Muitos estudantes apontam que não tinham boas perspectivas sobre a Iniciação Científica e acabaram se surpreendendo. A relação entre estudantes e professores também muda. Nesse sentido, o professor acaba não mais sendo visto somente como único formador, mas como participante e orientador também. É uma experiência significativa para os estudantes em serem autores e condutores do próprio aprendizado, sendo protagonistas. Deste modo, o projeto prepara o estudante para questionar e não aceitar uma única história, uma única visão, e sim, ultrapassar os limites de ser um mero receptor para alguém que busca informações que sejam mais reais e críticas.

Considerações finais

A ideia de propor o ensino pela pesquisa como projetos não pretende se resumir em um viés de ensinar a fazer pesquisa, mas sim abranger a possibilidade de construção de um outro projeto formativo escolar, ligados não à uma dimensão do ensinar a pesquisar, mas de estimular sensibilidades relativas ao que se quer como objetivo. Longe das propostas vinculadas aos organismos internacionais que propõem práticas investigativas nas escolas, voltada a atender as demandas do capitalismo que defendem a pesquisa como modelo ideológico de adaptação



do estudante a sua realidade. Contudo, no decorrer da pesquisa observou-se que há uma compreensão e sensibilidade das dificuldades do processo de ensino no ambiente escolar, entre eles: problemas de relação família –escola, falta de infraestrutura e falta de investimento para melhorias, contratação temporária, insuficiência na formação inicial etc. Poderia ser feita uma lista maior de itens, escrever inúmeras dissertações e estudos, que nunca se daria conta de pensar e resolver esses problemas. Há compreensão de que essas propostas metodológicas descritas no trabalho não estão nem perto de resolver essas problemáticas, mas essas mesmas propostas proporcionam minimamente algo mais próximo de uma futura educação que compreenda a realidade dos estudantes. Destaca-se a importância de perspectivar novos projetos entendendo que a educação perpassa por uma mudança significativa e que, portanto, se faz necessário proporcionar situações aos estudantes que ultrapassem as formas ditas tradicionais, oportunizando que os estudantes se tornem investigadores da realidade, em uma postura de ação na sociedade. Mais do que teorias e reflexões, a construção do conhecimento da autonomia e da prática da cidadania, pode ser constituída em práticas sobre o território vivido.

Entende-se que a educação geográfica deve fazer todo o possível esforço no sentido de superar o “ensinar geografia” apenas pelos conteúdos, mas fazer o processo de aprendizagem significativo, comprometido com o que a Geografia tem de mais bonito: conhecer e reconhecer a sua identidade múltipla e diversa. Portanto, em tom de conclusão, esse trabalho não tem a pretensão de esgotar, e muito menos desmerecer outros trabalhos que já apresentaram essa discussão de metodologias, mas sim, apresentar mais uma alternativa de proposta pedagógica, sugerindo novos caminhos que possam articular de forma efetiva e indissociável o ensino e a pesquisa. Tentando, de alguma forma, que essas práticas e concepções encaminhem para contribuição de uma educação emancipatória, capaz de despertar olhares críticos e reflexivos, possibilitando intervenções em seus meios e não somente reprodutores de um determinado conhecimento

Referências Bibliográficas

AZAMBUJA, Leonardo Dirceu de. **A geografia do Brasil na educação básica**. 2010. 208 f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PGCN0434-T.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2018.

BAZOLLI, João Aparecido; SILVA, Maria da Vitoria Costa e; VIANA, Sandra Franklin Rocha. **Manual Nós Propomos!** Palmas (TO): Editora UFT, 2017. 48 p.

BRÜCKMANN, Renata. **A pesquisa para o ensino da geografia: reflexões a partir de projetos de aprendizagem.** 2018. 86f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia), Curso de Geografia, Departamento de Geociências, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. Os professores de geografia ensinando a pesquisar na escola. In: TRINDADE, Gilmar Alves et al. **Geografia e ensino: dimensões teóricas e práticas para a sala de aula.** Ilhéus: Editus, 2017. p. 37- 47.

CLAUDINO, Sérgio. **Entrevista concedida a Renata Brückmann.** Florianópolis, 7 nov. 2017.

LOPES, Claudivan Sanches; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Estudo do meio: teoria e prática. **Geografia**, Londrina, v. 18, n. 2, p.171-191, mar. 2009.

MARCHI, Marcio; EBERHARDT, Barbara Cibele de Cezaro; MACHADO, Renata Brückmann Gomes. O Projeto Pés na Estrada do Conhecimento –Iniciação Científica na escola” no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina. In: V Seminário – Interfaces pedagógicas licenciaturas em debates. **Caderno de resumos...** Rio Grande (RS): FURG. 2017.

MENDONÇA, Sandra; CLAUDINO, Sérgio. Projeto "Nós Propomos!": uma rede crescente de cidadania territorial. In: XVIII ENG: A construção do Brasil: geografia, ação política e democracia. **Anais...**São Luís (MA): UFMA. 2016.

PONTUSCHKA, Nídia. N; PAGANELLI, Tomoko I.; CACETE, Núria H. **Para ensinar e aprender Geografia.** São Paulo: Editora Cortez, 2009.

RODRÍGUEZ, Alexánder Cely. Educação Geográfica: problemas e possibilidades. In: CASTELLAR, Sandra M. V.; CAVALCANTI, Lana S.; CALLAI, Helena. C. (org). **Didática da geografia: aportes teóricos e metodológicos.** São Paulo: Xamã, 2012. p. 45 –62.

SILVEIRA, José Carlos. **Entrevista concedida a Renata Brückmann.** Florianópolis, 07 out. 2018a.

SILVEIRA, José Carlos da. **Entre dizeres e silêncios sobre iniciação científica na educação básica: o movimento de sentidos na escola.** 2018. 383 f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018b.

SOUZA, Vanilton Camilo de. A formação acadêmica do professor de Geografia: dimensões teóricas. In: CALLAI, Helena. C. (org). **Educação geográfica: reflexão e prática.** Ijuí: Unijuí, 2011.p. 121-142.